

Ministro Victor Nunes Leal

A morte de VICTOR NUNES LEAL, inesperada para seus amigos e companheiros da REVISTA FORENSE, poupou-os da expectativa sem esperança reservada ao íntimo círculo familiar, mas trouxe maior tristeza à casa em que tantas provas deu de seu talento invulgar. Lembrou o temido ciúme dos deuses, cuja vingança induziu os seus artistas a deixarem em suas obras uma deliberada imperfeição, para aplacá-los, tanto havia VICTOR chegado ao ponto mais aproximado a que os homens podem chegar da eternidade.

Recordar a carreira luminosa de VICTOR NUNES LEAL será talvez tarefa ociosa, porque seu nome traduzia inteligência, cultura, probidade inexpugnável, equilíbrio, tolerância com as humanas fraquezas que não com a agressiva desonestidade dos que não conseguem alçar vôo da sua carência de virtudes.

Jornalista, escritor, parecerista, advogado, juiz, em tudo mostrou o que realmente constituía o traço predominante de sua vocação ou destino manifesto: ensinar. Ensinou aqui entre nós, no jornal, na produção de seus livros, na magistratura, na advocacia, conjugando capacidade de trabalho, rigor de método, perfeição de linguagem e de estilo, com tanta e tamanha constância no bem-fazer que acabou produzindo uma decepção, a única de toda a sua vida: morrer, quando ainda muito tinha que dar, precisamente no auge da esperança de sua contribuição aos novos estatutos republicanos e democráticos. Seria sua resposta ao desaire de atos que sequer podem ser qualificados de crime, porque o crime, apesar de tudo, exige alguma coragem e o que lhe impuseram, como a EVANDRO LINS e HERMES LIMA, foi o mesquinho, embora previsível, resultado da inveja impotente, frustrada e covarde. A prova foi enfrentada com serenidade que só os grandes podem ostentar. Quando seus amigos aflitos, na noite do pretendido desengano, o procuraram para consolá-lo, encontraram-no na posição do herói sem mácula, ferido à traição, na mesma serenidade constante que havia provocado a ira dos tolos, enganosamente poderosos, porque o poder só pode de direito pertencer a quem o merece. VICTOR, como SÓCRATES, preferiu sofrer o mal a praticá-lo.

"Precisava viver mais", pensa a magoada comunidade forense. E a ela responde o sempre preciso e consolador Padre ANTÔNIO VIEIRA: "Morrer de muitos anos e viver muitos anos, não é a mesma coisa. Ordinariamente, os homens morrem de muitos anos e vivem pouco. Por quê? Porque nem todos os anos que passam, vivem: uma coisa é contar os anos, outra vivê-los; uma coisa é viver, outra durar."

Predestinadamente, recebeu o nome de VICTOR. Foi vencedor em todas as atividades de sua vida. Vencerá também a morte, na lição que nos deixou.